



REDACÇÃO e ADMINISTRAÇÃO

RUA S. FRANCISCO, 15 e 17

PROPRIETARIO, DIRECTOR e EDITOR

Hilario Candido Barreiros d'Oliveira

COMPOSTO e IMPRESSO NA TIP. DO CENTRO DE NOVIDADES — R. D. ANTONIO BARROSO 134 A 140 — BARCELOS

O CAVALADO

SEMANARIO LITERARIO

ASSINATURAS:—Ano 1:200, pelo correio 1:400; semestre 600, pelo correio 700; trimestre 300, pelo correio 350. Avulso 30. Brasil e Africa 2:000.

FESTAS DAS CRUZES

Noticiamos no nosso numero passado que a direcção da Associação Commercial elegeu uma comissão organisadora das tradicionais Festas das Cruzes,

Essa comissão é composta de um punhado de novos, cheios de vida, e que gosam, no nosso meio, das mais cordeais simpatias.

Mas a comissão, só por si, pouco poderá fazer.

E' necessario o concurso de forças, é mistér o agregamento de outras energias, que no meio local são as que disfrutam mais preponderancia: o Comercio e a Industria.

Elas são os principais interessados, e todo o luzimento do festival depende em grande parte destes elementos por si ou por intermedio dos seus agrupamentos sociais.

Ja vimos que a Associação Commercial tomou a seu cargo eger a comissão das Festas—evidente sinal de que o Comercio empenhará todos os esforços para dar ás festas o aspecto grandioso que tem tido noutros anos.

Ninguém ignora que a tremenda crise que atravessamos avassala tudo e todos e que o tempo não está para festas.

E' verdade; mas o povo, o nosso bom povo, cheio sempre dum bom humor panglossiano vê tudo sempre pelo melhor dos prismas, e não é a conflagração europeia, lá ao longe, nem a carestia de

vida, tão de perto, que o fará chorar como Jeremias.

Ele trará sempre, como dantes, o seu concurso ás festas: divertir-se-á e fará as suas transações comerciais como no melhor ano.

Portanto o comercio e a industria locais devem envidar todos os esforços para auxiliarem na medida das suas forças a comissão eleita.

Mas além destes, outros há a quem compete colaborar em tacita obrigação moral: são os capitalistas, os proprietarios, o povo enfim.

O seu óbulo, por diminuto que seja, faz crescer o monte, engrossará o capital angariado.

Quanto aos nossos capitalistas e ricos proprietarios, escusado será fazer-lhes aqui a apologia do seu acendrado patriotismo.

Eles nunca se recusaram a cooperar com aquelles que trabalham para o engrandecimento da terra.

Isso esperamos hoje e sempre.

Mãos á obra; nada de desfalecimentos.

Maio está a dois passos e necessario será trabalhar muito para conseguir-se dar todo o brilhantismo, que é intenção da comissão dar aos festejos;

E da comissão que dizer? Ela é formada de espiritos, na sua totalidade, muito cultos e empreendedores.

São rapases cujo ideal é ale-

vantado, e norteia-os apenas o seu patriotismo bairrista:

Pró-Barcelos — eis tudo.

A êles nada diremos: seria ensinar o padre-nosso ao vigario.

A sua obra será apreciada mais tarde, após as festas de maio, e todo o nosso desejo será tecer-lhes aqui um hino de louvores.

Assim o esperamos.



LITERATURA

As Cinzas do Poema

O interessante excerto que com este titulo publicamos no nosso primeiro n.º, e que a pena cintilante do nosso querido amigo Manuel Boaventura tracejou com tanto esmero, saiu mutilado.

Perderam-se dois linguados que, por terem aparecido agora, vamos publicar.

Os nossos leitores deverão cotejar o 1.º numero com o que se segue.

Ao cimo da 4.ª columna onde se diz:

«... fogo a grandiosa manifestação do seu genio...» segue:

Comovido eu olhava as cinzas negras do poema que ao mais leve movimento esvoaçavam, como assustadas borboletas.

Dum velho tio antiquário famoso herdara eu um rico cofre de ébano com pérolas embutidas e artisticos cinzelados em ouro e prata. Era reputada uma preciosidade dos tempos aureos de D. Manoel — o venturoso rei; e quanto a valor um inglez excêntrico tinha oferecido por ele mil libras sterlingas. Lembrei-me então que tal movei era digno sarcófago de tão nobres cinzas. Dum pulo fui busca-lo

Momentos depois, ajoelhado no chão em frente do autógrafo carbonizado, ao lado do cofre aberto, recolhia nele um a um todos os fragmentos incinerados do poema de Teódulo. Quem sabe? talvez o milagre da Fenix tivesse um dia lugar!...

O médico olhava-me compadecido, com a mão no pulso do infortunado poeta, que

continuava com o olhar vago, fito num vago ponto do espaço. Religiosamente eu guardava no cofre precioso os mais diminutos bocadinhos do papel queimado — como se fossem particulas minimas da sagrada hostia dos altares.

Depois ergui o cofre e pu-lo deante dos olhos, esgazeados agora, do poeta, que num relampago de intelligência faiscavam com brilho estranho; e logo duas lagrimas escaldejantes lhe rolaram pela face pálida.

O mísero comprehendera o seu duplo infortunio: trabalhára para conseguir um nome imortal que nobilitaria a pátria pelos seculos fóra. Os Fados traziam-lhe a Loucura e a Morte e fechavam-lhe para sempre as portas da Imortalidade.

Creio que chorei nessa hora.

Ouvi então o médico dizer:

— Dou-lhe duas horas de vida.

... e quando a lua nascia ao longe sobre a linha serrilhada da montanha, aspergindo uma luz fria e mortíca sobre a natureza adormecida, Teódulo fechava os olhos para nunca mais os abrir.

Meu pobre Teódulo! Marcando o fim do teu livro — marcaste o teu proprio fim.

Que fatalidade!

Manuel Boaventura.



CRÓNICA LITERARIA

«A Borda d'Agua» por Alfredo Guimarães, edição de Ferreira Ld.ª Lisboa.

Ha muito tempo já que, por intermedio do meu querido poeta Correia-d'Oliveira, o illustre escriptor A. Guimarães, com uma dedicatória amável, me ofertou o seu livro *A Borda d'Agua*.

Alfredo Guimarães é um estranho temperamento de artista Dramaturgo muito distinto, ainda ha poucos meses colheu fartos aplausos nos palcos da capital, onde

um pouco doente, é verdade, mas em compensação muito barato, e que com o exercicio, que era o que me faltava, me havia de tornar ainda um piano forte e vigoroso.

O conselheiro comprou-me, e logo nessa mesma noite fui instalado na sua sala de visitas.

Começa aqui a minha via dolorosa. Durante quinze anos as sete meninas bateram-me em cima dos pulmões com quarenta ou cincoenta toneladas de valsas; gritei polkas, gaguejei lanceiros, e praguejei solaus. As sete meninas á rasão de seis namoros por ano cada uma, isto termo medio, tiveram eu quinze anos seiscentos e trinta namoros. Ora cada namoro obrigou-me a andar pelo menos cincoenta kilometros de mazurcas, contradanças, xacaras, etc., o que deu em resultado, que no periodo de quinze anos choutei perto de quarenta mil kilometros de musica, e isto por caminhos escabrosos, intransitaveis, cheios de calhaus em redondilha menor.

(Continua).

NA FEIRA DA LADRA

HISTORIA DE UM PIANO

(CONTINUAÇÃO)

O sonoro quadrupede, com uma voz de melodrama ventriloquo, começou então a narrar-me a seguinte historia:

— «Nasci ha quarenta anos; antes de nascer, eu era madeira num platano, marfim num elefante, e cobre no seio das montanhas. Devo dizer-te que em toda a minha existencia desafiada, a unica musica harmoniosa que ouvi, e de que tenho saudades, foi a que cantaram os rouxinóis, quando eu era platano, sobre os meus ramos verdejantes.

Fui feito por um marceneiro, e, depois de envernizado, exposto á venda, entre duzentos companheiros, num armazem luxuosissimo. Estavamos ali, como escravos num bazar, á espera de comprador. Os visitantes entravam, abriam-nos, batiam-nos no peito para nos auscultar, e depois de convencio-

nado o preço, lá iamos nós levados por quatro mariolas para casa do outro que nos tinha adquirido».

Nisto o velho piano ficou um momento silencioso, exausto de forças. Começou a tossir, a tossir, e deitou um escarro vermelho que parecia sangue; enganei-me, era ferrugem.

Passado um quarto d'hora de repouso, continuou:

«Eu fui dos ultimos a sair do armazem. Estive lá quatro anos: ninguem me comprava. Devo essa felicidade excepcional a eu ter sido sempre duma compleição muito delicada. Mesmo em rapaz fui sempre debil, duma saude melindrosa, e com disposições hereditarias para doencas pulmonares.

«Nasci com tuberculos; foram-me transmitidos em trez ou quatro cordas, que me puzeram, e que já tinham pertencido a um piano, que lançava sangue pela boca, e que morrera duma tísica de laringe.

«Eu tinha, pois desde pequeno o germen da doença, que mais tarde me havia de reduzir a este estado lamentoso. Quando por

acaso um comprador me abria a boca para me examinar, terminava sempre dizendo melancolicamente, e em voz baixa para que eu me não afligisse: — Coitado! está prompto!

— E afastava-se de mim, lançando-me um olhar de misericordiosa simpatia.

A minha saude era tão fragil, que qualquer arsinho me constipava. O menor esforço de voz punha-me rouco durante quinze dias. Uma vez, ainda estava no armazem, apanhei uma bronchite, de que ia morrendo, como *Joven Lillia abandonada*. Estive meio ano no hospital, tendo sempre um afinador á cabeceira.

«Um dia entrou na loja um conselheiro com sete filhas tão feias e tão magras, que eu creio que foram elas mesmas as que appareceram em sonhos a José do Egipto para lhe anunciar os sete anos de esterilidade. Quando as vi entrar, tive um presentimento diabolico, e deu-me no peito uma pancada tão forte que me estalou um bordão. Foi a minha desgraça. O conselheiro aproximou-se, e interrogou o dono da loja a meu respeito. Este disse-lhe que eu era um piano

TROVAS

Se soubesses como soffre
Meu peito longe do teu!...
A ausência custa muito
A quem ama como eu.

Morena se ouvires dizer
Algum dia que morri,
Acredita que é verdade
Eu morrer d'amor por ti.

Olhos não queiram chorar
Lágrimas não tenham pressa;
Quem tem de ser desditoso
Desde pequeno começa.

Hei-de morrer a pedir
A' Virgem Immaculada
Que nunca mostre a tristeza
Aos olhos da minha amada.

E' bem certo que quem chora
O coração allivia;
Se não chorasse bastante
De tanta magoa morria.

ANTONIO BOTTO.

foi representado um trabalho seu — «Pascoa Florida» — e que a critica de todos os matizes recebeu com aprasimento.

Um amigo meu que assistiu à premier disse-me dessa peça maravilhas. E que outra coisa era de esperar da alma ultrasensível de artista tão exímio, como é a do illustre escritor?

Mas não é da Pascoa Florida que aqui se trata, pois que dela apenas conheço o entrecho, pela rama, ao de leve.

A' Borda d'Água é um feixe de crônicas primorosas escritas em 1912, quando o escritor, na Póvoa, veraneava e passeava a sua neurastenia avassaladora e enervante pela praia, ao mesmo tempo que alagava os pulmões de ar sadio, impregnado do cheiro acre das maresias.

A linda Póvoa, os poveiros, os tão característicos usos e costumes da terra, — são o assunto do livro. E agora se eu for a dizer-lhes que A. Guimarães os trata com mestria, a traços fortes e perfeitos — chega a ser impertinencia. Um escritor de nome feito como este nunca escreve uma pagina que não tenha uma frase nova impregnada duma aureola de novidade. E faz sempre realçar o imprevisito quando dá corpo a uma ideia feliz ou cria uma personagem nova sombreada de mistério, com psicologia *sui-generis*.

Estas crônicas do Alfredo Guimarães deviam ser lidas por todos aqueles que teem pelo Minho o culto e a veneração que merece tão fôrmoso canteiro do «Jardim Portugal». Demais-a-mais ele é minhoto — e minhoto do coração da provincia. Por isso deu alma e vivacidade a tudo quanto escreveu. Como é um observador perspicaz e um impressionista delicado — narra tudo com impecavel verdade.

Eu ia agora aqui transcrever-lhes meia página do A' Borda d'Água: mas é tão apinhado o espaço de que disponho... Depois eu pondo-me a transcrever receio bem ter de copiar toda uma crônica, que é pelo menos uma boa meia duzia de páginas — sem o que ficaria insaciada e insatisfeita a curiosidade do leitor. Desisto, pois.

Ao meu caro confrade agradeço o exemplar recebido e ainda mais a amavel dedicatória.

Manuel Boaventura.

VIRTUDES

Dizia um filozofista que perdoava sempre as ofensas porque, se as vingasse, parecer-se-ia com o ofensor, e deixaria por isso de estar, de facto, superior a ele.

Não é portanto para admirar que, censurando os romanos a Tiberio, por consentir ofensas de alguns dos seus émulo, ele se desculpasse dizendo:

— Não quero empregar mal o tempo castigando-os!

E' que, de facto, nada ha de mais louvavel e digno de um homem illustre do que a moderação e a clemencia ou, como disse outro grande pensador:

«O prazer que se tira da vingança dura apenas um instante, enquanto que a satisfação, que nasce da clemencia, não acaba nunca.

Luiz Leitão.

Domingos de Figueiredo

ADVOGADO

Rua Direita BARCELOS

Noticiario

Grito de revolta

Ha dias o povo de S. Bento da Varzea, revoltou-se, indignado, contra o abuso de exportação de cereais deste concelho.

Achamos justificadissimo esse grito de revolta e bom será que a autoridade administrativa proceda energeticamente contra o abuso ganancioso de certos açambarcadores, que estão sendo, no momento actual, uns verdadeiros vampiros do nosso proletariado.

Muito teriamos a dizer, mas a escassez de espaço, obriga-nos a ficar por aqui.

Banco Aliança

O dividendo das acções deste Banco — 2.º semestre de 1915 — paga-se desde o dia 2 de Fevereiro, em casa do agente, nesta vila, o sr. Francisco Machado Carmona.

Cinematografo

Como sempre, agradaram muitissimo as fitas da ultima sessão cinematografica.

Hoje serão passadas sensacionais pelliculas: *Miss Barata*, *Cinessemo e a sua obra*, *Amor e dinheiro*, *Cachimbo do voo* e a interessante fita *«Leões da Noite»*.

Movimento Judiciari

Audiencia de 18 de janeiro

Juiz Presidente — Sr. Dr. Silva Monteiro,

Delegado do Procurador da Republica — Sr. Dr. Moraes Campilho

Distribuidor — Sr. Dr. Castro Faria
Escrivão de serviço, o do 6.º officio — sr. Baltazar.

Distribuição cível

Ação de Abilio Augusto de Miranda, contra Antonio Gonçalves Ferros, ambos desta vila — ao 3.º officio escrivão sr. Dr. Porfirio.

Apelação, vinda do Juizo de Paz de Carapeços, em que é apelante Antonia da Costa e outros de Carapeços, — ao 4.º officio, escrivão sr. Monteiro.

Comercial

Ação do Banco de Barcelos, contra Manuel José Martins e outros, de Perelhal, — ao 5.º officio, escrivão sr. Rocha Diniz.

Ação do mesmo Banco, contra Paulino Barroso e outros de Perelhal — ao 1.º officio escrivão sr. Cardoso.

Orfanologica

Inventario por obito de João José Pereira de Sousa, de Alvelos — ao 1.º officio, escrivão sr. Cardoso.

Audiencia de 21 de janeiro

Distribuição cível

Ação especial de Ana Maria de Jesus do Vale, contra seu marido, de Vila Seca, ao 2.º officio, escrivão sr. Silva.

Distribuição orfanologica

Inventario por falecimento de Maria Machado de Miranda, de Balugães, ao 1.º officio, sr. Cardoso.

Audiencia de 25 de janeiro.

Escrivão de serviço, sr. Cardoso.

Distribuição cível

Ação de separação, requerida por Maria Tereza Vilaça, de Cambezes, contra seu marido Francisco dos Santos, da mesma, ao 3.º officio, escrivão sr. dr. Porfirio.

Ação do Decreto de 29 de maio do 1907, de José Pereira de Andrade, de Grimancelos, contra Joaquina da Silva, da mesma, ao 4.º officio, sr. escrivão Monteiro.

Preccatoria vinda da Relação do Porto, para afixação de editais, na habilitação em que é requerente a Santa Casa de Famalicao, ao 4.º officio, sr. escrivão Monteiro.

Comercial

Ação de Joaquim Nunes Barbosa, de Airó, contra Antonio Dias Ferreira e outros, da mesma, ao 6.º officio, escrivão sr. Baltazar.

Orfanologica

Inventario por obito de Romão Gomes de Sousa Sobral, de Barqueiros, ao 5.º officio, escrivão sr. Diniz

Audiencia de 28 de janeiro.

Cível

Preccatoria, vinda da 1.ª vara cível de Lisboa, para inquirição de testemunhas na ação que D. Maria do Carmo de Sousa de Lacerda e marido, da mesma cidade, movem a D. Ana Margarida Branca de Sousa Alvim e Lemos, da casa de Santar, Nelas, ao 3.º officio, escrivão sr. dr. Porfirio.

Comercial

Ação do decreto de 29 de maio de 1907, de Manuel Bernardino da Silva, de Milhazes, contra José Luiz Falcão e mulher, de Gilmonde, ao 1.º officio, escrivão sr. Cardoso.

Vida Militar

Deu parte de doente no seu domicilio, o sargento ajudante, sr. João Herminio Barbosa.

— Passou a exercer as funções de sargento ajudante, o 1.º sargento sr. Antonio Maria da Costa.

— Deu parte de doente no seu domicilio, o capitão sr. José Augusto de Mancelos Pereira Sampaio.

— Foi nomeado o seguinte pessoal para a regencia dos diferentes curso das escolas regimentais:

Director e professor do curso de habilitação para 1.º sargento, o tenente ajudante sr. Francisco Vila Chã Rodrigues Leite.

Professor do curso de habilitação para 2.º sargento, o alferes sr. Alberto Tavares de Magalhães.

Professor do curso de 1.ª cabos, o sargento ajudante sr. João Herminio Barbosa. Professores do curso elementar, os 1.º sargento sr. Antonio Maria da Costa e 2.º sargento sr. Francisco Cardoso e Silva.

— Apresentou-se de doente no seu domicilio, o 1.º sargento sr. Antonio Gonçalves.

— Passou a comandar a 10.ª companhia, o alferes sr. Alberto Tavares de Magalhães.

— Por terem sido apurados nos termos do art.º 79.º do Regulamento do Recrutamento, foram mandados receber a respectiva instrucção na Escola de Tiro d'infantaria em Mafra, sete soldados recrutados ultimamente alistados neste batalhão.

Notas da semana

Aniversarios natalicios:

Passou

No dia 26 o da simpatica menina Maria Amelia da Rocha Diniz.

Passam:

No dia de amanhã o dos srs. Jorge Alves Pereira e Lima, Manuel Simões de Miranda e o menino Martinho Eduardo de Faria.

— No dia 1 o da Ex.ª sr.ª D. Maria Deolinda Azevedo Leão.

— No dia 3, o da Ex.ª sr.ª D. Emilia Alves Pereira e os srs. João Pacheco Leite e Manuel José Nunes Pereira.

Estiveram:

No Porto: os srs. dr. José Gomes de Matos Graça e Manuel Augusto d'Araujo Passos.

— Em Braga: os srs. João Pacheco Leite, Placido Lamela, Domingos José de Miranda, José Casimiro Alves Monteiro, dr. Teotonio José da Fonseca e Secundino Pereira Esteves.

— Em Viana do Castelo: os srs. dr. João Cardoso d'Albuquerque e Domingos Guimarães Esteves.

— Em Ancora: o sr. Camilo Ramos.

— Em Barcelos: os srs. Amadeu Duarte Azevedo, Manoel Guimarães e Francisco de Mendonça Monteiro, do Porto, Eugenio Ferreira e Avelino Roriz Pereira, de Espozende, Joaquim da Silva Campos e ex.ª esposa e Virgilio Esteves, de Braga.

Partiram:

Para Lisboa: o sr. José de Beça e Menezes.

— Para Evora: o sr. Bazilio da Costa Oliveira.

— Para Amares: o menino Raul Carvalho.

— Para Celorico de Basto: o sr. Antonio Maria de Sousa Pinto.

Delivrances:

Deu á luz uma creança do sexo masculino a ex.ª esposa do sr. dr. Antonio Ferreira Pedras.

— Tambem deu á luz uma menina a ex.ª esposa do sr. major José Augusto Cardoso.

OS MORTOS

Faleceram:

No dia 21: em Gamil, o sr. Antonio Pereira Alves; em Arcuselo, a sr.ª Antonia Joaquina; em Fonte Cobefita, a sr.ª Conceição Gomes Machado.

— No dia 22: em Fragoso, o sr. João Fernandes da Cruz.

— No dia 23: na Silva, o sr. Antonio Batista; em Creixomil, a sr.ª Violante Rosa Ferreira; em S. Verissimo do Tamel, o sr. Manuel Fernandes dos Reis.

— No dia 23: em Arcuselo, a sr.ª Antonia Gomes; em Pereira, o sr. Antonio Fernandes de Carvalho.

— No dia 26: nesta vila, a sr.ª Bernardina Rosa do Vale.

— No dia 27: em Barcelinhos, a sr.ª Carolina Martins da Costa Ferreira; em Macieira, a sr.ª Maria Ferreira da Costa.

— No Hospital; o sr. Antonio da Costa Pinto, de Nine.

— Tambem no dia 23 faleceu nesta vila, a ex.ª sr.ª D. Maria Rita dos Santos Ferreira, tia do nosso bom amigo, sr. Augusto Fortunato dos Santos Ferreira

O nosso cartão de pesames.

Falta de espaço

Com bastante pesar nosso, deixamos de publicar, por absoluta falta de espaço, diferentes originaes enviados por alguns dos nossos distinctos colaboradores, bem como bastante noticiario, do que, áqueles e aos amaveis leitores do «Cavado», pedimos desculpa.

ANUNCIOS

Banco de Barcelos

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Por ordem do Ex.º vicepresidente da assemblêa geral, são convidados os Srs. acionistas do Banco de Barcelos a reunir em assemblêa geral ordinaria, no dia 14 de Fevereiro proximo, pelas 11

horas da manhã, na casa da Banco, para os fins designados no art.º 37 e § 1.º dos estatutos.

Barcelos, 28 de Janeiro de 1916.

O secretario da assemblêa geral,
Augusto Candido Lopes Vieira.

Anuncio

Ação de divoreio

Por sentença de 23 de dezembro de 1915, com transito em julgado, foi autorisado o divorcio definitivo dos conjuges Rosa Fernandes Ferreira, residente na freguesia de Manhente, e David Vilas Boas, residente na de Areias de Vilar, ambos desta comarca, com os fundamentos dos n.ºs 2.º e 4.º do art.º 4 do Decreto de 3 de novembro de 1910, em virtude da acção de divorcio litigioso movida pela primeira contra o segundo.

O que se faz publico em cumprimento do art.º 19.º do citado decreto.

Barcelos, 25 de janeiro de 1916.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,
Monteiro.

O Escrivão do processo,
José Claudio Pereira Baltazar.

Arrematação

1. PRAÇA

1.ª PUBLICAÇÃO

No dia 20 do proximo mês de fevereiro, por 12 horas, á porta do Tribunal Judiciario desta comarca de Barcelos em virtude do requerido e ordenado no processo de "Execução de sentença,, promovido por Antonio Manoel de Carvalho, viuvo, proprietario, da cidade de Braga, como cessionario de Feliciano Antonio Lopes e mulher Maria Tereza Lopes Martins, proprietarios, da freguesia de Encourados, desta comarca, contra o executado Antonio Joaquim Rodrigues, solteiro, maior, proprietario, da mesma freguesia de Encourados, mas ausente nos Estados Unidos do Brazil,—se tem de proceder á arrematação da propriedade adiante desi-

gnada, pertencente ao dito executado, e que será entregue a quem maior lance oferecer sobre o valor da sua avaliação e porque entra em praça:

"Bouça da Costa,, também conhecida por Bouça da Costa e Giestal ou Leira do Penedo da Giesta, de mato e pinheiros, com dôze balcões de terra lavradia, com ramadas, situada no lugar das Fontainhas, da predita freguesia de Encourados, foreira á Camara Municipal deste concelho, com oitenta e cinco centavos e laudemio da quarentena, propriedade que entra em praça, com o respectivo abatimento do fôro e laudemio, na quantia de trezentos e setenta e tres escudos e quarenta e dois e meio centavos—373\$42,5.

Pelo presente anuncio são citados para a praça todos e quaisquer credores incertos, afim de deduzirem, querendo, os seus direitos.

Barcelos, 28 de Janeiro de 1916.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,
Monteiro

O Escrivão,
Julio Mendes da Rocha Diniz.

Editos de 30 dias

2.ª PUBLICAÇÃO

Pelo Juizo de Direito, desta comarca de Barcelos, e cartorio do escrivão do 5.º officio—Rocha Diniz, nos autos de inventario orfanologico, por obito de Maria d'Araujo, solteira, maior, moradora que foi no lugar da Guarda, freguesia de Cambeses desta mesma comarca. no qual é inventariante sua filha natural, Maria Tereza d'Araujo, casada com Manoel José de Magalhães, moradores no dito lugar e freguesia; correm éditos de 30 dias, a contar da segunda publicação deste anuncio no Diario do Governo, a citar o interessado filho natural e ausente em parte incerta dos Estados Unidos do Brazil, José d'Araujo, casado, com Maria, cujo sobrenome se ignora, moradora no lugar de Febros, freguesia de Viatodos, desta mesma comarca, para na qualidade de herdeiro assis-

Companhia de Seguros «BONANÇA» Fundada em 1808

CAPITAL RS. 1.568:000\$000

FUNDOS DE RESERVA RS. 305:408\$000

SEGUROS MARITIMOS, TERRESTRES E AGRICOLAS

O agente em Barcelos: Gaspar Ferreira de Macedo Faria Gayo

tir a todos os termos até final do referido inventario, e nêle deduzir os seu direitos querendo, ou constituir advogado ou procurador na sede da comarca que o presente, sob pena de revelia e do regular andamento do mesmo inventario, até final conclusão.

Barcelos, 8 de Janeiro de 1916.

Verifiquei
O Juiz de Direito
Monteiro

O Escrivão
Julio Mendes da Rocha Diniz

ANUNCIO

1.ª PUBLICAÇÃO

Pelo Juizo de Direito e cartorio do escrivão do segundo officio abaixo assinado, pende seus termos uma acção civil pelo processo Geral do Decreto numero tres de vinte e nove de Maio de mil novecentos e sete, em que é auctora Ana da Costa, solteira, de maior idade, proprietaria, da freguesia de S. Romão da Ucha, e reus — Joaquim Pereira de Macedo e mulher Laurinda de Barros Rodrigues, Ana Soares de Macedo, e marido Manoel Nogueira Coelho, Felicidade Pereira de Macedo e marido José da Rocha Junior, Manoel Pereira de Macedo e mulher Albertina da Silva Braga, José Pereira de Macedo, solteiro, maior, Felismina Pereira de Macedo, solteira, menor pubere, Jeronimo Pereira de Macedo, solteiro, menor pubere, e o tutor destes, aquele José Pereira de Macedo, todos da todos da mesma freguesia de S. Romão da Ucha. Na mesma acção alega a auctora que os reus são obrigados a pagar o foro de cinquenta e seis litros quatro centos e sessenta e tres mililitros ou trez razas e um quarto de pão meado, alvo e centeio, e um quarto de galinha, como consortes e possuidores do predio «Bouça do Rio de Cima», na mesma freguesia,

para ela auctora como cabececel preencher a pensão total á Confraria da Senhora do Rosario erecta na cidade de Braga. Que todos são obrigados á mesma pensão, como representantes de Joaquim Antonio da Silva Macedo e mulher, pai e sogro deles reus, e que devem desde o S. Miguel de mil novecentos e nove até mil novecentos e quatorze inclusive, e quanto á pensão de mil novecentos e quinze, sómente a cargo dos reus Joaquim Pereira de Macedo e mulher, por á morte daqueles Joaquim Antonio de Macedo, herdarem o mesmo predio, sujeito ao referido onus e o possuirem desde a morte do referido Joaquim Antonio da Silva Macedo, e em conclusão que assim sejam julgados habilitados e condenados no pagamento do referido onus e juros legais da móra desde o vencimento.

Correm, portanto, éditos de trinta dias, contados desde a segunda publicação deste anuncio no Diario do Governo, a citar o reu Felismino Pereira de Macedo, solteiro, menor pubere e ausente em parte incerta nos Estados Unidos do Brazil, para falar á acção conjuntamente com o seu tutor José Pereira de Macedo, impugnando-a querendo, no praso de dez dias, que se contarão desde o ultimo dia dos éditos, que igualmente correm desde a segunda publicação deste no Diario do Governo, sob pena de ser condenado de preceito á revelia, como se conclue na mesma acção.

Barcelos, 8 de janeiro de 1916.

Verifiquei.
O Juiz de Direito,
Monteiro.

O Escrivão,
Manoel Cardoso e Silvo

«O CAVADO»

Publicações	
Corpo do jornal.....	40 reis
Secção d'anuncios.....	30 »
Repetição.....	20 »
Comunicados.....	40 »

CENTRO DE NOVIDADES



Fernando Miranda & Irmão

134—RUA D. ANTONIO BARROSO—140

BARCELOS

Papelaria e objectos de escritorio

Papeis e envelopes de todas as qualidades.
Sortido completo em todos os artigos.
Livros em branco e riscados.

Livraria

Romances, contos, literatura, etc.
Obras sobre religião, arte, jurisprudencia,
etc.
Revistas e jornais ilustrados.
Assinatura permanente de quaisquer obra.
Livros escolares.

Tabacaria

Tabacos nacionais e estrangeiros.
Boquilhas, cigarreiras, bolsas, etc.
Isqueiros e pedras para os mesmos.

Perfumarias

Sabonetes de todas as qualidades, perfumes,
loções, pasta dentifrica, escovas, pentes, es-
pelhos etc.

Agua de colonia a retalho.

Postais ilustrados

Sempre as ultimas novidades, em todos os
generos.

Albuns para postais. Cromos.

Tipografia e encadernação

Todos os trabalhos tipograficos — cartões
de visita e de luto, rotulos, facturas, envelo-
pes, recibos, relatorios, anuncios, etc.

Impressões a côres.

Impressos para os srs. Notarios, Escrivães

de Direito, Professores, Juntas, Confrarias,
Regedores, etc.

Encadernações, pastas, cartazes, etc.

Artigos diversos

Loteria.
Cordas para instrumentos.
Cartas de jogar.
Carimbos de borracha.
Carteiras, bolsas, etc., etc.

Generos especiais de alimentação

Chá e café.
Cacau, chocolate, farinha Nestlé, maizena
e outras, rebuçados, etc.
Vinho sem alcool.
Aguas minerais.
Cerveja.

Preços sem competencia.

PEÇAM O JORNAL-RECLAMO, DISTRIBUIDO GRATUITAMENTE.

Sempre novidades.

ALIANÇA MADEIRENSE

Companhia de Seguros fundada em 1891

Capital social Rs. 300:000\$000

Capital realisado e fundo de reserva Rs. 105:000\$000

Efétua seguros contra incendio em predios, mobílias, estabeleci-
mentos, searas e agricolas em geral.

AGENCIA EM BARCELOS

CASA CONFIANÇA Camisaria - Gravataria - Perfumarias

Rua D. Antonio Barroso (em frente á viela)

Companhia de Seguros Atlantica

SÉDE — Largo dos Loyos, 92-1.º

PORTO

Seguros terrestres, maritimos e agricolas.

Postais, quebra de vidros, etc.

Seguros de guerra

Correspondente em BARCELOS

JOÃO DE SOUSA

(estabelecimento de fazendas de lã, seda e algodão, rua D Antonio Barroso, 13-15)

NOVO ESTABELECIMENTO COMERCIAL

DE

Costa & Vasconcelos

Rua D. Antonio Barroso — Rua Barjona de Freitas

BARCELOS

Grande sortimento de artigos para senhora.
Veludos inglezes e nacionais, sedas de côr e pre-
tas lavradas para vestidos e blu-as.
Chales de malha. Espartilhos. Agasalhos.
Flanelas, chitas, chales, cachonés, morins, pa-
nos crus, etc.

Esplendido sortido de flanelas nacionais e ingle-
zas, tudo para fatos de homem.

Casimiras de côr, diagonais, picotilhos e che-
viotes.

Padrões da maior novidade para fatos e so-
bretudos.

MIUDEZAS

MIUDEZAS

Camisaria - Gravataria - Chapéus - Guardasois

Seriedade e modicidade de preços.

“Padaria Maria Antonia”

O seu novo proprietario acaba de ampliar o seu estabele-
cimento, com secção de confeitaria, sortido-se de especialis-
simos vinhos maduros, conservas de toda a qualidade, finissi-
mo queijo da Serra da Estrela, bolacha nacional e estrangeira,
fapinhas, massas etc.